

“Escola e ‘explicadoras’ na Nova Holanda: considerações etnográficas sobre uma curiosa e instigante relação de complementaridade” (RJ)

Beatriz Arosa de Mattos
Mestranda em Antropologia
PPGA/ ICHF-UFF, RJ, Brasil.

Introdução

Este *paper* consiste em dados preliminares de trabalho de campo em andamento, tendo por objetivo elaboração de dissertação de mestrado no PPGA-UFF¹. Tem como foco a atividade das ‘explicadoras’ na *Nova Holanda*, área da ‘favela da Maré’, na cidade do Rio de Janeiro. Embora valorizadas e amplamente difundidas nas áreas de baixa renda da cidade, as ‘explicadoras’ não mereceram até o presente momento a devida atenção por parte dos pesquisadores. A etnografia ora em curso pretende, deste modo, mapear a distribuição de tais agentes na área em questão bem como verificar a pertinência e as implicações destes verdadeiros ‘institutos locais’, no sentido próprio de ‘instruir’ e ‘educar’ que o campo semântico da noção abriga.

A descrição das práticas destas ‘instrutoras/ instituidoras’ almeja não somente a compreensão das trajetórias, oportunidades e ‘carreiras’ que têm como ‘explicadoras’, mas entrever como são construídas as expectativas de vida a partir do investimento familiar na ‘instrução’ das crianças num contexto marcado pela baixa escolaridade dos pais com implicações na socialização e no processo educacional de seus filhos. Além da falta de familiaridade dos pais com os ‘saberes escolares’, o recurso às ‘explicadoras’ parece ser igualmente revelador de um outro gênero de preocupação com a socialização ‘adequada’ dos filhos. As tarefas por elas desempenhadas consistem não apenas em dissipar dúvidas pontuais dos conteúdos escolares, mas também, em acompanhamento contínuo da vida destes alunos. Tarefas nas quais crianças e adolescentes têm seu tempo

¹ O projeto vem sendo desenvolvido, além disso, no âmbito das linhas de pesquisa do LeMetro – Laboratório de Etnografia Metropolitana/IFCS-UFRJ, coordenado pelo professor Marco Antonio da Silva Mello, que reúne pesquisadores, professores e estudantes vinculados a uma rede que congrega diferentes e distintas instituições acadêmicas, tais como o IFCS-UFRJ, o ICHF-UFF, o CCH-UENF e o IH-UCAM, entre outras.

preenchido de maneira socialmente desejável, estando, portanto, longe dos perigos que a ‘rua’ potencialmente oferece.

O “Complexo da Maré” e a Nova Holanda

O denominado Complexo da Maré² é extremamente extenso. Situa-se entre três importantes vias de acesso da cidade. A primeira e mais importante é a Avenida Brasil, importante eixo da dinâmica econômica do país, por onde escoam a produção agrícola e industrial em direção à zona portuária. A segunda, a Linha Vermelha, liga o centro da cidade ao Aeroporto Internacional Tom Jobim, seguindo até a Baixada Fluminense, e corre em paralelo a Avenida Brasil no trecho que corresponde justamente a grande parte do Complexo da Maré. A terceira é a Linha Amarela, que atravessando a Maré, liga o *campus* universitário da Ilha do Fundão à Zona Oeste.

Situada às margens da Baía de Guanabara em proximidade com a zona portuária, a Maré dista cerca de meia hora, por meio da utilização dos transportes públicos, do centro da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Constitui ainda o “campus vicinal” da UFRJ, na Ilha do Fundão, da qual se separa pelo Canal do Cunha.

Localizada nas imediações de áreas de grande importância econômica, a Maré tem sido foco de diversas atuações governamentais e civis, como por exemplo, através de Programas da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, Fundação Oswaldo Cruz, Fundação Leão XIII, ONGs como Viva Rio, FASE (Federação de Órgãos para assistência Social e Educacional), Ceasm (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), entre outros.³ Algumas atuações são bastante antigas e tiveram forte influência na formação histórica do local (Fundação Leão XIII, por exemplo), enquanto outras surgiram em período recente.

² O termo *complexo* está carregado de conotações pejorativas. É um termo que tende a uma homogeneização de realidades bem distintas e à legitimação de um imaginário que associa os espaços favelados à criminalidade, sendo utilizado comumente em referência a conjuntos penitenciários. Desta forma, a expressão *Complexo da Maré*, tendo em vista a atuação da mídia em sua naturalização e disseminação, deve ser problematizada.

³ Alguns exemplos de Programas atualmente em funcionamento: Programa de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos de Espaços Populares; Programa O Futuro é hoje (Devas/ FASE)

A área em questão tem cerca de 130.000 habitantes⁴. É formada por 16 favelas, cada uma apresentando particularidades quanto às suas respectivas origens e conformações. Era num passado recente uma região pantanosa, cujas primeiras ocupações datam da década de 1940. As habitações precárias eram em sua maioria palafitas erguidas sobre mangues, construídas com tábuas e outros materiais eventualmente trazidos pela maré. Com a abertura da Avenida Brasil durante o período Vargas (1946), intensifica-se o processo de ocupação, pois área da Maré começa a receber contingentes de migrantes que chegam ao Rio de Janeiro para “tentar a vida” na cidade que se expande velozmente.

Os aterros implementados pelo estado a partir da década de 1960 redefiniram radicalmente a paisagem. Foi a partir deste momento que surgiu a favela Nova Holanda, projetada e construída em 1962, durante o governo Carlos Lacerda para ser um Centro de Habitação Provisória. Seus primeiros moradores provinham de áreas desapropriadas pelo poder público (favela do Esqueleto, Praia do Pinto, Morro da Formiga, Morro do Querosene). O seu surgimento está relacionado, portanto, a um contexto histórico de políticas públicas urbanas marcadas pela ‘remoção de favelas’⁵.

O que era temporário tornou-se permanente, no entanto. As famílias remanejadas para as moradias temporárias acabaram por restar na localidade. A Nova Holanda atual é constituída por prédios de alvenaria, muitas vezes de 4 ou 5 andares, verticalidade atribuída ao crescimento continuado do número de seus moradores. A intensa movimentação de suas ruas, seu comércio florescente e buliçoso testemunham a alta densidade populacional e grande vitalidade do bairro popular.

Suas ruas retilíneas delineiam quarteirões homogêneos em um terreno plano. Tal padrão de arruamento não se encaixa no imaginário comum de ‘favela’ enquanto espaço labiríntico, e no caso do Rio Janeiro, situados em morros e ocupados de forma autônoma e espontânea. Desta forma, a categoria *favela* para definir o espaço em questão poderia suscitar discussão acerca do seu uso, relacionado a contextos e situações específicas.

⁴ Dados do Censo Maré: CEASM, CENSO MARÉ 2000: Quem somos? Quantos somos? O que fazemos? Rio de Janeiro, 2000.

⁵ Ver VALLADARES, Lícia Prado. Passa-se uma casa: Análise de remoção de favelas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.



Nova Holanda

Notas de Uma Pesquisa em Andamento

A fim de demonstrar as estratégias por mim adotadas, seria interessante descrever como se deu minha entrada no campo. Foi através de minha atuação no Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da UFRJ (PR5), quando aluna do curso de graduação em Ciências Sociais desta Universidade, que passei a freqüentar assiduamente a Maré. As atividades do referido Programa se desenrolam em salas de aula nas áreas de baixa renda. Em tais instalações mantidas pela Pró-Reitoria de Extensão alunos e alunas da UFRJ atuam como professores. Durante o ano de 2005 ministrei aulas de alfabetização no turno da noite numa das salas existentes na Escola Municipal *Nova Holanda*. O contato inicialmente travado com os alunos, bem como as primeiras explorações das cercanias, proporcionaram-me algumas reflexões posteriormente transformadas em projeto de dissertação de mestrado apresentado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

A constatação de que meus alunos eram majoritariamente originários da região nordeste do país, assim como a incontornável presença e expressividade da cultura nordestina no entorno, me levou primeiramente a indagar acerca dos processos

migratórios e da adequação da cultura de origem ao modo de vida da ‘favela’ carioca. Posteriormente, a educação passa a ter primazia como tema.

Minhas incursões cotidianas pelas redondezas não se restringiam somente ao trajeto percorrido para chegar a escola. A curiosidade levou-me a explorar novos percursos e a frequentar outros espaços das adjacências. Para tanto, chegava mais cedo em busca de atividades que me permitissem conhecer o local e perceber o modo de vida de seus moradores. Passei a utilizar os serviços oferecidos pelo ‘bairro’, como salão-de-beleza, mercados, curso de artesanato, além de visitar eventualmente os meus alunos e alunas. Nesses passeios, atravessava a área desde o Parque União até o Parque Maré⁶, o que me levou a notar, ao longo dos percursos pelos arredores da escola, anúncios que apregoavam o serviço de “Explicadoras”.

É importante salientar que a utilização de cartazes e placas anunciando serviços de ‘bairro’ é bastante frequente neste contexto. Além das placas com os anúncios de ‘explicadoras’, é comum encontrar o “Toma-se conta de criança” (igualmente revelador do papel desempenhado pela vizinhança na criação dos pequenos), “Vende-se Natura”, “Temos carvão”, “Excursões para Aparecida”, “Vende-se kitnet”, “Passa-se bar no Parque União”, “Tortas por encomenda”, “Vende-se máquina de costura”, “Conserta-se roupa”, “Consertos em geral”, “Matrículas abertas! Creche”, enfim uma grande variedade de oferta de bens e serviços pode ser encontrada. Além disso, revelador do intenso diálogo através dos cartazes distribuídos pela área é também a presença comum das placas de anúncios com finalidades não propriamente comerciais: “Sepultamento de fulano de tal...”, “Não jogue lixo neste local”, “Campeonato de Boxe”, “Vote chapa verde”...

A partir de Março de 2007, comecei, então, minha empreitada em busca dessas mulheres que no espaço de suas casas são pagas para desempenhar certo papel. Seguindo a pista das placas, acabei por ampliar a área de investigação inicialmente proposta, já que pretendia restringir minha pesquisa somente à área *Nova Holanda*. Desta forma, ocupei-me de forma preliminar de algumas explicadoras do *Parque União*, realizando breves entrevistas e acompanhando algumas de suas aulas. Na *Nova Holanda*, entretanto, minha atuação como professora oferece vantagens especialmente importantes na organização e realização da pesquisa de campo. Não obstante isto, o fato de algumas 'explicadoras' não utilizarem as placas como meio de anunciar e divulgar

⁶ Refiro-me ao Parque União, Parque Rubens Vaz, Nova Holanda e Parque Maré.

seus serviços me obrigava a valer-me de outras fontes de informação. Estas, por sua vez, eram elas mesmas estratégicas formas de mediação que poderiam vir a viabilizar o meu acesso aos endereços e, por conseguinte, chegar às 'explicadoras'.

Até o presente momento, entrei em contato com 9 'explicadoras', sendo 6 na *Nova Holanda* e 3 no *Parque União*. A partir desta amostragem, pude encontrar similitudes que conformam um certo padrão nos casos analisados. Passo agora à descrição dos dados de campo a fim de esclarecer em que consiste propriamente a atividade das 'explicadoras' e de que maneira tal atividade pode nos permitir avançar ainda que tentativamente algumas questões sociológicas relevantes.



Placa da 'explicadora' Lurdes, *Parque União*.

'Explicadoras' Da Maré

Dentro de suas próprias casas, as 'explicadoras' recebem alunos matriculados em diferentes séries e instituições escolares. Geralmente as aulas têm duração de duas horas diárias, com frequência de quatro a cinco vezes por semana.

As 'explicadoras' auxiliam os alunos na feitura das tarefas escolares e podem eventualmente propor outras atividades de caráter pedagógico. Ao terminarem os exercícios, por exemplo, as crianças podem desenhar, folhear os livros que estão nas estantes, trocar figurinhas ou desempenhar quaisquer outras atividades de lazer.

Quando cheguei, as crianças estavam colando no caderno o desenho do 'menino maluquinho' que tinham colorido. O original estava fixado no quadro, indicando as cores específicas a serem preenchidas. (Anotação do dia 9 de Abril de 2007, 'explicadora' Ana Cristina).

Cabe às 'explicadoras' a disposição do tempo e do espaço de suas aulas de acordo com suas estratégias didático-pedagógicas. A distribuição espacial dos alunos leva em conta o nível de dificuldade escolar de cada um, bem como seu comportamento 'disciplinar'.

Os alunos que necessitam de maior auxílio para fazer os deveres de casa sentam-se, em geral, próximos à 'explicadora'. Aqueles que 'fazem os deveres sozinhos' ficam do lado oposto ao da 'explicadora', próximo ao banheiro. Essas estratégias são explicadas a mim por Ana. (Anotação do dia 17 de Abril de 2007).

A maioria atende um público de crianças e adolescentes das Classes de Alfabetização (CA) às classes de 4^a série, podendo se estender para as de 5^a série. Cada 'explicadora' adota uma tática para lidar com a heterogeneidade das 'turmas'. No caso de Rosângela, por exemplo, os alunos se encontram divididos em dois grupos: alunos de 1^a a 4^a série sentam-se em uma mesa pequena e alunos da 5^a série sentam-se numa mesa maior. Já Ana Cristina divide os alunos de seus três turnos de acordo com as respectivas séries em que se encontram. Assim, os alunos da 2^a e da 3^a série se concentram no horário das 8:00 às 10:00 hs; os de 1^a e de 2^a série das 13:00 às 15:00 hs e, finalmente, os da 4^a série das 16:00 às 18:00 hs.



'Explicadora' Ana Cristina e sua 'turma'

Em cada caso, o número de alunos varia consideravelmente. O maior número de alunos por ‘explicadora’ é de 36 (trinta e seis), divididos em três turnos diários. No entanto, há ‘explicadoras’ que mantêm ‘classes’ de atendimento a somente três alunos.

Embora o ofício seja eminentemente feminino, existem exceções. Lurdes dá aulas em sua casa há quatro anos. No ano de 2007, Silas, seu filho de dezessete anos, assumiu seu lugar nas aulas de ‘explicação’, enquanto ela, a mãe, passou somente a ‘tomar conta’ de crianças. Ele concluiu o ensino médio no ano de 2006 e agora cursa o pré-vestibular no turno da noite. Outro exemplo é Ary. Não podendo se ocupar de um trabalho em horário integral, por conta da faculdade, complementa sua renda com as aulas particulares.

Quanto à faixa etária há uma grande variação. A mais jovem tem 16 (dezesseis) anos e a mais velha, 47 (quarenta e sete).

Encontramos uma variação que vai de R\$ 30 a R\$ 38 reais mensais no preço cobrado pelo serviço. Algumas ‘explicadoras’, entretanto, cobram uma ‘taxa anual de matrícula’, justificada pelos contínuos investimentos com material:

Ana Cristina me conta que ajusta o valor cobrado de três em três anos. Atualmente cobra R\$ 38,00 por aluno e mais a matrícula anual no valor de R\$ 20,00, que justifica como taxa de manutenção. Ela possui um telefone só para falar com os pais.

Esta sala pintada de forte verde-limão possui dez carteiras escolares azuis de plástico, compradas na ‘desk’, empresa de Niterói, há nove anos, cada uma tendo custado R\$ 58,00. (...) Sua organização é impressionante. Ata, carteirinha, diário de classe, recibo de pagamento. Estante de livros. Quadro branco com pilot. Materiais que apontam para um constante investimento. Almeja comprar um computador para que os alunos façam pesquisa. (Nota de Março de 2007)

Há um padrão no que diz respeito a escolarização. De 9 (nove) ‘explicadoras’ entrevistadas, 8 (oito) cursaram o ensino médio (sendo que duas destas cursaram o ‘Normal’). Uma havia cursado apenas o ensino fundamental. Uma outra havia estudado dois períodos do curso de administração. E somente 2 (dois) estavam no ensino superior, respectivamente nos cursos de Pedagogia e Física.

A maioria dos entrevistados tem a atividade de ‘explicador(a)’ como ocupação predominante, senão exclusiva, sendo sua maior fonte de renda. No entanto, algumas exercem concomitantemente outros tipos de trabalho:

No ano de 2006, Wanise trabalhava numa creche particular no Parque União durante a manhã, tendo que ser afastada por motivo de saúde. Recebe então pelo INPS e complementa sua renda de outras formas (vendas de roupas e produtos

cosméticos). “Fazemos qualquer negócio. Tomo conta de criança, trabalho na creche, vendo roupa...” (Anotação do dia 27 de Março de 2007).

Nos casos de Wanise e Lourdes, o “tomar conta” ocorre concomitantemente às aulas de ‘explicação’. Ambas as atividades são interessantes por revelarem a ambigüidade existente nas atividades econômicas que ocorrem em ambiente doméstico.

Por serem realizadas na casa das ‘explicadoras’, onde os demais moradores circulam em seus afazeres corriqueiros, há um forte contraste com o ambiente escolar. Há, no entanto, uma gradação entre ambientes mais próximos a uma instituição escolar e outros mais domésticos. Nos casos em que o ‘tomar conta de criança’ ocorre paralelamente, o ambiente torna-se mais familiar e menos escolar. A explicadora Wanise é um exemplo. Há uma indefinição no papel que ela exerce, ora familiar ora professoral. Em sua pequena sala, algumas crianças fazem as tarefas escolares sentados numa mesa enquanto outras brincam, dormem ou assistem programas na TV. Vizinhos e parentes circulam pelo mesmo espaço. É grande, portanto, o número de pessoas dentro da casa, de dimensões modestas.

A atividade de ‘explicadora’ também consiste em dar banho nos pequenos, trocar a roupa e pentear, dar lanche e fazer brincar. (nota de 27 de Março de 2007).

Neste caso, a indefinição também é encontrada no preço cobrado pelo serviço. Wanise afirma que cobra às mães “o quanto elas podem pagar”. Portanto, o preço não é fixo e sim acordado entre as partes.

O ‘explicador’ Ary é o que mais foge do padrão encontrado. Ele se assemelha mais ao termo ‘professor particular’ que dissipa as dúvidas específicas dos alunos em alguma matéria escolar, mas que, no entanto, não os acompanha continuamente, sendo as aulas, em geral, esporádicas. Ao contrário dos outros casos, seu trabalho não consiste em ocupar o tempo dos alunos de forma integral. Ele mesmo se coloca desta maneira, pois não “toma conta de criança”, “não é creche”! Algumas mães o procuram com este intuito e, no entanto, não ‘compram’ o serviço ao receber a resposta de que as aulas consistem em uma hora e meia, duas vezes por semana. Ele mesmo diz que não tem tempo para fazer mais do que isso.

Há uma grande variabilidade quanto ao tempo que exercem este ‘ofício’. A mais antiga, Ana Cristina, é ‘explicadora’ há 19 (dezenove) anos, seguida por Márcia (17), Maristela (15), Wanise (12), Rosângela (10), Andréa (8), Lurdes (4), Keyse (1) e Ary

(menos de um ano). Alguns dentre eles tiveram intervalos em suas atividades como ‘explicadores’, vindo, então, a se ocuparem de outras atividades e profissões. Ana Cristina, por exemplo, deixou de dar suas aulas por dois anos para trabalhar numa loja.

Para os mais novatos, Ary e Keyse, o ofício de ‘explicador’ parece ter caráter provisório. Ary é pesquisador de astronomia na UERJ e monitor de um curso pré-vestibular, auxiliando o professor de Física. Keyse, aluna do ensino médio, pretende prestar vestibular para o curso de Educação Física. Ser ‘explicador’, portanto, pode significar a complementação de renda para universitários e aspirantes à Universidade. Tive oportunidade de conhecer duas ex-explicadoras da área que hoje são estudantes dos cursos de Letras e Matemática.

Algumas ‘explicadoras’ não se utilizam das placas para apregoar tal tipo de serviço. O principal motivo alegado foi sua inutilidade quando as ‘turmas’ estão lotadas. No entanto, a ausência de tal artifício pode estar atrelada também a uma disseminação satisfatória da ‘fama’ de ‘explicadora’ na localidade. Neste sentido, a pesquisa pretende ainda averiguar como são estabelecidas redes de laços sociais que constituem uma clientela.

Maristela não coloca placa. Diz que não precisa e até recusa alunos, pois não tem como atender a uma demanda maior. Sua propaganda é a ‘fama’ de explicadora que se espalha entre as mães conhecidas. Ela me diz que esta é uma forma de selecionar bem seus alunos, evitando problemas. Diz que ainda mais por ser na ‘favela’, uma pré-seleção torna-se necessária. Alunos ‘desinteressados’ ou pais excessivamente ‘ausentes’ são descartados já que a clientela se forma através das redes de confiança e não através dos cartazes pregados externamente, que atraem um público mais diversificado e desconhecido (Nota do dia 25 de Abril de 2007).

A falta de familiaridade dos responsáveis pelas crianças com os conteúdos escolares, bem como a falta de tempo para monitorar os “deveres de casa” são motivos freqüentes pelos quais os pais procuram as ‘explicadoras’:

Rosângela me diz que os pais mandam os filhos pra ‘explicadora’ não apenas por não terem tempo, mas porque muitas vezes não sabem mesmo ler e escrever, ou estudaram muito pouco. O fato de muitas mulheres serem mães muito jovens, o que significa que acabam por completar os estudos já tendo filhos, agrava essa situação. (Anotação do dia 28 de Março de 2007).

Por estar cursando o Ensino Médio, Keyse foi interpelada por uma vizinha quando passava por uma rua próxima à sua casa. Esta lhe pediu para que desse ‘aulas particulares’ para seu filho. (Anotação do dia 21 de Março de 2007).

Contudo, mais do que ‘reforço escolar’, as aulas de ‘explicação’ também consistem na aquisição de valores morais e padrões de comportamento socialmente valorizados:

“Há horas em que tenho que parar (de ensinar) para educar”. Escreve o número 350 no quadro. “Ta vendo esses 350? Sabe o que é isso? É o salário mínimo. Vamos então fazer uma conta de subtração. Vestuário, alimentação, gás, luz, R\$38,00 da ‘explicadora’... então fica difícil, não é?” (...) “Gente, morar na favela não significa que a gente tem que ser favelado. A gente sofre discriminação, não é? Quando a gente vai arrumar um emprego, não pode ir de boné, de calça centropê... Tem que ir composto.” Eu tenho que ensinar isso a eles. “‘Aquele mulher lá’... ‘Aquele mulher’ não, ‘aquela moça’, ‘aquela senhora’...”. (Relato da ‘explicadora’ Ana Cristina, Março de 2007).

Quando uma criança interrompe e chama por ela no meio de uma conversa, Ana diz em tom bem sério: “Agora a ‘tia’ está conversando”. É um problema sério interromper a conversa de um adulto. Aliás, as crianças estão num espaço onde são de fato sendo ‘educadas’ e não somente ‘ensinadas’. O corpo está rigidamente sendo educado a se portar na carteira escolar. “Senta direito, não é assim que se senta para comer”, diz Ana a Felipe, este de pernas abertas, os pés apoiados na cadeira. Há uma disciplina rígida que controla os “modos”, o comportamento das crianças. (Anotação do dia 9 de Abril de 2007, ‘explicadora’ Ana Cristina).

“É preciso ensinar a se comportar, a ter higiene, a comer com modos... Quando a gente vai a algum passeio, tem que saber comer direito e não de qualquer jeito” (...) “Tenho que ensinar a se comportarem quando chega uma visita” (Relato da explicadora Andréa, Maio de 2007).

A relação entre ‘explicadora’ e alunos é uma combinação de rígido controle e autoridade, por um lado, e de confiança e amizade, por outro. A coexistência destes dois elementos é essencial para que os alunos se submetam às regras de bom grado. A despeito da ‘disciplina’ imposta, as crianças em geral mostram-se extremamente afetuosas.

As crianças apresentam carência, “falta de pais”. Muitos pais não têm mesmo tempo para se dedicarem. “São um grude só, meu marido fala: que amor é esse?” (Explicadora Rosângela, anotação de Março de 2007).

Wanise diz que gosta muito das crianças e que é gratificante encontrá-las na rua. Diz, no entanto, que algumas crianças têm medo dela por causa de seu temperamento severo (Anotação do dia 27 de Março de 2007).

As crianças que assistem às aulas da ‘explicadora’ devem estar matriculadas em alguma das diversas escolas da região. Na Nova Holanda existem quatro escolas municipais que atendem ao público de C.A. (Classe de Alfabetização) a 4ª série (o que

corresponde aos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental)⁷. A população do local também é atendida por escolas dos bairros de Bonsucesso, Ramos e Ilha do Governador. Algumas estão matriculadas em escolas particulares tanto no interior da ‘favela’ quanto nas adjacências.

As ‘explicadoras’ estabelecem uma relação indireta com as escolas através dos discursos dos pais e dos alunos, bem como por meio dos cadernos e livros escolares (há casos em que a ‘explicadora’ é também mãe de aluno regularmente matriculado e, portanto, passa a conhecer pessoalmente os membros da escola). Sabem quem são as professoras, seus métodos de ensino, seus temperamentos e fazem julgamento da competência e do desempenho das mesmas. É comum as ‘explicadoras’ traçarem para a pesquisadora um *ranking* das escolas locais, avaliando o nível de ensino de cada instituição.

Embora esta relação seja indireta, há um diálogo constantemente travado entre estes dois domínios complementares. Os pais podem indagar à ‘explicadora’ qual a melhor instituição de ensino da região para matricularem os filhos, ou ainda, se vale ou não a pena investir no ensino particular. Por outro lado, ocorre também de os pais perguntarem à professora se devem ou não requisitar o serviço de uma ‘explicadora’.

Maristela conhece as escolas indiretamente, através dos livros e cadernos bem como das falas dos alunos e dos pais. Afirma saber se uma professora de determinado colégio está ensinando ‘direito’ ou não. Pergunto se algumas professoras recomendam aos pais que procurem uma ‘explicadora’ e me responde que sim. Porém, é uma indicação indireta, não há recomendação de nomes específicos. (Anotação de 25 de Abril de 2007).

Pergunto a Ana Cristina se as professoras das escolas indicam ‘explicadoras’. Ela responde afirmativamente, mas não recomendam nomes específicos e sim, que as crianças tenham aulas de “reforço”. (Anotação do dia 17 de Abril de 2007).

Entretanto, esta relação complementar não está isenta de conflitos. As ‘explicadoras’ reclamam que os alunos muitas vezes chegam até elas ‘analfabetas’, estando já em séries escolares avançadas.

Sobre as crianças com dificuldade em aprender, Ana Cristina diz que algumas professoras não dão atenção e a escola “passa direto” sem levar em conta

⁷ Escola Municipal Nova Holanda; Ciep Elis Regina; Ciep Samora Machel; Ciep Hélio Smith (Estas duas últimas estando localizadas na fronteira entre Nova Holanda e Parque Maré e Nova Holanda e Rubens Vaz, respectivamente).

se o aluno realmente aprendeu o “conteúdo”. O fato de a criança estar na ‘explicadora’ pode levar, na visão desta, a um “afrouxamento” por parte da professora ‘regular’ em dar atenção e solucionar os problemas referentes aos alunos com mais dificuldade. (Anotação do dia 17 de Abril de 2007).

Andréa critica a educação formal a todo o tempo. Cita diversos alunos que teve que alfabetizar já estando na 2ª e 3ª séries. Por diversas vezes perguntava a um ou outro aluno: “Quem é que te ensinou a ler?” “Tia Andréa”. “Ah, esse aqui tinha horror a matemática. E agora, qual é a matéria que você mais gosta?” “Matemática”, responde o pequeno. Ela se coloca por diversas vezes numa situação superior às professoras das escolas. Diz que muitos alunos trazem os cadernos da escola com o visto da professora, mas sem a correção dos erros. Narra um fato ocorrido no ano passado: O aluno L. estuda na Escola Municipal Carlos Chagas. Ao mostrar seu caderno à explicadora, esta percebe que a lição está gramaticalmente incorreta. ‘CH’ e ‘LH’ foram classificados como encontro consonantal e não como dígrafo. Ela verifica o caderno e diz ao aluno: “Isto aqui não é encontro consonantal, é dígrafo”. “Mostrei a ele diversos livros, mostrando que a professora estava errada”. Ainda assim o menino ficou chateado com a contradição. Chegando a casa com a cara emburrada, a mãe resolve entrar em contato com Andréa para entender o que tinha acontecido. Esta lhe responde: “Pergunte a ela (a professora da escola) porque ensinou errado. No caderno está escrito assim. Na prova, ela cobra de outro jeito”. Afinal, a mãe vai até a escola em busca da professora. A ‘explicadora’ telefona à mãe para saber o que se passou: “Liguei para a mãe perguntando se havia ido à escola falar com a professora. Ela disse que sim. A professora lhe disse que estava com dor de cabeça naquele dia em que ensinou errado...” (Anotação de Maio de 2007).

Este episódio retrata uma situação de conflito entre escola e ‘explicadoras’ onde o aluno se encontra entre duas lógicas distintas, não sabendo em quem acreditar. No final das contas, ele acabou deixando de frequentar a ‘explicadora’ após este acontecimento. Entretanto, no ano de 2007, voltou a procurá-la. “Pergunta quem é que está estudando aqui de novo este ano?”, diz Andréa com ar de satisfação devido ao fato de que sua volta reforça a idéia de que ela é o lado correto da controvérsia.

Se a relação entre escola e ‘explicadora’ é, ao mesmo tempo, complementar e contrastante, a relação que se constitui entre ‘explicadoras’ e pais é igualmente ambígua, podendo variar desde intensa colaboração ao conflito. Assim, as ‘explicadoras’ afirmam que o trabalho é dobrado quando os pais não se interessam de forma satisfatória pela educação de seus filhos.

“Educação primeira vem de casa. Mas alguns pais acham que a explicadora é responsável por tudo”. (Anotação de Março de 2007, ‘explicadora’ Ana Cristina).

Lurdes diz que algumas mães “abusam” já que deixam seus filhos mais tempo do que o necessário. (Anotação do dia 25 de Abril de 2007).

Andréa fala que é pequeno o número de pais que considera bastante ‘participantes’. Alguns “não têm paciência”. “Não querem saber, simplesmente jogam os filhos aqui”. (Anotação de Maio de 2007).

Considerações Finais

Apesar da afirmação por parte das ‘explicadoras’ da existência de ‘pais ausentes’, não descartamos a idéia de que é evidente o investimento dos pais na educação de seus filhos. Tal organização dos gastos familiares das classes populares talvez esteja atrelada a uma mudança no padrão de consumo dos moradores de ‘favela’⁸. É importante salientar que a clientela atendida pela ‘explicadora’ nesta localidade são famílias com certo poder econômico não estando, portanto, no mais baixo degrau do sistema de estratificação social⁹. Isto pode revelar a diferenciação interna da população ‘favelada’, contrariando estereótipos correntes que são lançados sobre este universo social como uma realidade homogênea e marginalizada¹⁰.

A preocupação com a aquisição dos saberes escolares se atrela à construção de expectativas quanto à possibilidade de ascensão social. O tempo passado na ‘explicadora’ é o tempo da socialização ‘adequada’: além da melhoria do desempenho escolar, os alunos recebem orientações quanto ao comportamento e padrões sociais. É, sobretudo um espaço marcado pela moralidade doméstica investida de afetividade e divertimento. É, além disso, o espaço da ‘segurança’, motivo de alívio dos pais preocupados com o que lhes parece ser uma intolerável situação de ‘violência’. O tempo passado no convívio com outras crianças sob os olhares da ‘explicadora’ é o tempo que se deixa de estar na ‘rua’, visto como palco de atividades criminosas. Brincar na rua é, portanto, estar exposto aos perigos de uma socialização ‘desviante’. Poderia aqui descrever inúmeras notas de campo onde registro situações de ‘tensão’ e cenas onde as crianças pequenas convivem ‘naturalmente’ ao lado de crianças maiores, jovens e adultos armados. Acrescento algumas notas sobre as ‘explicadoras’ que ilustram a questão:

⁸ A “favela da Maré” se expande em direção à Avenida Brigadeiro Trompowsky que dá acesso à Ilha do Fundão. Nos últimos anos, nota-se a construção de novos espaços de moradia que se destacam por possuírem padrão similar aos condomínios fechados da ‘classe média’. Esta área é denominada “Sem Terra” e é constituída por alguns ‘condomínios’ ou ‘vilas residenciais’ fechados. Para entrar é necessário a identificação no portão de acesso.

⁹ Loïc Wacquant mostra que a afiliação a um clube de boxe no gueto negro de Chicago não tem origem nas classes “perigosas”, desorganizadas e não socializadas como sugerido em alguns discursos e representações habituais. Ao contrário, o recrutamento social dos boxistas se origina da distinção entre jovens do gueto por um acréscimo de integração social.

¹⁰ PERLMAN, Janice. *O Mito da Marginalidade*. Ed. Paz e Terra, 1977.

Pergunto se as aulas não seriam apenas para ajudar os alunos com notas baixas. Ela diz que não é apenas isso. Muitos pais colocam as crianças para não ficarem à toa. (Explicadora Rosângela, Março de 2007).

Andréa me conta o caso de uma aluno cuja mãe só chegava a casa às 19 hs. Por dois dias ele não apareceu na aula. Ela ligou para a mãe que responde: “Ah, ele não está indo? Então vou mandá-lo ir”. Mas o menino faltava, pois preferia ficar na rua. “Já estava se misturando com os ‘da situação’. Já estava se juntando. Ficava na rua conversando com eles”. Primeiramente, a ‘explicadora’ perguntou a um vizinho do menino sobre seu paradeiro. Ao descobrir, foi buscá-lo. “E ele ficava aqui das 14 hs até às 19 hs. Eu não deixava ele sair. Na época, ele tinha doze anos. Hoje tem dezesseis e faz estágio no Banco do Brasil”. (Anotação de Maio de 2007).

Tentei esboçar alguns aspectos relevantes de meu trabalho através do material obtido até o presente momento. Todavia, por se tratar de pesquisa ainda em desenvolvimento, não é possível sintetizar os dados obtidos de forma conclusiva. A realidade é sempre mais rica e complexa do que as primeiras idéias manifestadas. Percebo que aspectos contraditórios precisam ser pensados com acuidade. As hipóteses devem ser continuamente testadas, exaustivamente reavaliadas e eventualmente descartadas. E isto só pode ser feito através do empreendimento de pesquisa de campo. Cabe ao pesquisador explorar de forma oportuna as novas possibilidades que se apresentam.

Bibliografia

BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. São Paulo: Vozes, 1985.

CARDOSO DE SOUZA, Lúcia Maria. *Os Caminhos da Maré: A Turma 302 Do Ciep Samora Machel e a Organização Social do Espaço*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CEASM, CENSO MARÉ 2000: Quem somos? Quantos somos? O que fazemos? Rio de Janeiro, 2000.

PERLMAN, Janice. *O Mito da Marginalidade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VALLA, Victor Vincent Valla (org.). *Educação e Favela*. Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

VALLADARES, Lícia. *Passa-se uma casa. Análise de remoção de favelas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VARELLA, Drauzio, BERTAZZO, Ivaldo e JACQUES, Paola Berenstein, *Maré: Vida na Favela*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002.